

*UM ARQUIPÉLAGO PREENHE DE VOZES.
SEM ILHAS HÁ VOZES*

J. Chrys Chrystello

A ilha para Natália Correia é Mãe-Ilha, para Cristóvão de Aguiar é MarIlha, para Daniel de Sá é Ilha-Mãe, para mim nem mãe, nem madrastra, nem MarIlha mas Ilha-Filha, que nunca enteada. Para amar sem tocar, ver medrar nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis. Toda a vida fui ilhéu, perdi sotaques, mas não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as a reboque, colar multifacetado de vivências de mundos e culturas distantes. Primeiro em Portugal, insignificante ilhota perdida da Europa durante o Estado Novo, seguido de um capítulo naufragado da História Trágico-marítima, nas ilhas de Timor, de Bali e na [(pen)ínsula de] Macau (então fechada da China nas Portas do Cerco), antes de arribar à vasta ilha-continente da Austrália, criando raízes em Bragança, ilhoa esquecida do nordeste transmontano e por fim nestas nove filhas de Zeus. Não trago a reboque este arquipélago, mas deixar a ilha é sempre uma partida sem regresso marcado, como quem faz um luto indesejado ao correr dos dias. Não levo comigo a dor nem a lágrima furtiva, apenas acalento o peregrino desejo de regresso numa noite de luar como o de ontem. Para sentir melhor estas ilhas, terei de inventar como sair delas mais vezes, sem nunca as deixar para trás, e retornar de amor acrescido. Se houver estrelas no céu quero que sejam as minhas, gargantilha de pérolas para afagar pescoços arquipelágicos.

De Lendas e Mitos

Não existem provas de que os Açores sejam o remanescente da memória da mítica Atlântida, outrora próspera e culta, desaparecida sem rasto nas profundezas abissais. Curiosamente, no livro de banda desenhada *Blake e Mortimer, O Enigma da Atlântida*,¹ S. Miguel era porta de saída da legendária civilização. Mesmo que os Atlantes aqui tenham habitado não foram encontrados indícios, faltando explorar as insondáveis profundezas dos mares. Mesmo aí, é dúvida que algo possa ser encontrado e que sucessivos tremores e erupções submarinas não tenham destruído. Pelo exemplo dos últimos quinhentos anos,

¹ Jacobs 1983.

difícilmente se poderão deparar com artefactos ou restos civilizacionais perdidos desde os escritos de Platão, sempre motivo de cogitações e explorações fantásticas. Não faltaram, recentemente, escritores, jornalistas, romancistas e cineastas, que reconstituíram, com imaginação, a arquitetura, o traçado e os materiais da capital da Atlântida. Confabularam o vestuário, o modo de vida da população; a economia, as classes sociais, a religião, os deuses; os imperadores; as orgias, a beleza estranha da soberana.

Especulações e nada mais

Quiseram geógrafos e historiadores ver na narrativa do filósofo grego uma alusão poética a um muito antigo conhecimento da América. O facto não é tão extraordinário como pode parecer, se considerarmos o arrojo marinho dos fenícios, e as recentes travessias do Atlântico por navegadores solitários em frágeis embarcações. As viagens comerciais de Fenícios e Cartagineses tiveram grande importância na Antiguidade, e as que poderiam ter levado a um reconhecimento dos Açores, foram a circum-navegação do continente africano, de Oriente para Ocidente, a mando do faraó Necho em finais do séc. VII a.C. e a viagem do cartaginês Annone, que perto do fim do século V a.C., abriu as velas de Cartago rumo ao Atlântico, ultrapassou as Colunas de Hércules (Gibraltar) e chegou ao Golfo da Guiné. É curioso que as referências ao conhecimento dos Açores, anteriores à chegada dos Portugueses, sejam fenícias e relativas à Ilha do Corvo.

Açores de Feudalismos e Autonomias por Cumprir

Como escreveu Caetano Valadão Serpa:

Nos Açores, desde a injustiça social na distribuição das terras pelos capitães donatários até ao ruir das esperanças de progresso para a camada popular, esta nunca beneficiou grande coisa dos empreendimentos agrícolas, comerciais e industriais da vida das ilhas e sempre albergou em si a ânsia de se libertar duma vida onerosa em terras estagnadas, ricas é certo, mas duma riqueza tantas vezes nas mãos de gente indolente e falha de iniciativa, desejosos de se enriquecerem ainda mais, mas completamente alheios ao progresso da terra e mais ainda ao bem-estar daqueles que eram instrumento da sua prosperidade.²

Direitos garantidos constitucionalmente, dizem eles. Na prática, nada significam. Obedientes, comem e calam sem nada dizerem, com o medo implantado há séculos na sociedade. Já a Santa Inquisição fizera excelente trabalho

² Serpa 1978, 45.

na perpetuação desse temor, acrescentando a delação como característica a preservar pelos bons cristãos. São estes traços que distinguem os portugueses dos restantes europeus: a mediocridade, a delação e o medo, não por esta ordem hierárquica, mas como alicerces da sociedade e nisso os açorianos são muito portugueses.

A inquietude persegue-me desde que deixei a Europa em 1973 e me abri ao conhecimento universal e multicultural pelas quatro partidas do mundo (da ponta mais oriental do Império, em Timor, até à mais ocidental, nestes cumes atlânticos no Grande Mar Oceano). No outro dia mal se vislumbrava a costa da Bretanha em frente à janela do meu *castelo* na Lomba da Maia onde habito. O grande Mar de Atlas, como os gregos lhe chamavam no tempo de Heródoto (450 a.C.), confunde-se com o anilado ou acendrado céu, dependendo da cor das lentes com que se acorda. A janela desabrocha sobre o mundo. Enxergo mares. Lobrigo montes. Diviso nevoeiros que desaparecem sem rasto. Entrevejo vacas alpinistas, fiéis ao destino ruminante sem desfaldarem queixumes. Fantasio que a verdadeira autonomia se abaterá sobre o arquipélago criado a ferro e fogo. Aí se vislumbrará a tal ínsula nova que só surge com os nevoeiros de São João. Com ela devaneio. Se a antecipo encoberta componho os óculos, arregalo a íris, foco o invisível. As ondas e as nuvens também conspiram para a ocultarem. Careço de um cartógrafo como Ptolomeu e portulanos das Escolas de Maiorca ou de Sagres, para a mapear corretamente pois só descortino os contornos como se a visse em Braille e não em representação de Mercator como Ortelius fez.

Ia jurar tê-la observado por entre um belo arco-íris da Lomba da Maia à semiencoberta Bretanha, mas o arco da velha sumiu. Quiçá tê-la-ei antevisto (mas também há quem jure ter visto D. Sebastião nas brumas) todavia o mar confunde-se com o firmamento, num horizonte indistinto, em constante mutação, ora pardo ou azuláceo. Perde-se no alcance da visão. Quando fito o grande lençol de água, estou expectante em vislumbrar a ilha nova a delinear-se. Fantasio e divago com ela, ora encoberta ora invisível. Acredito piamente que exista para lá do limite impercetível do horizonte. Por vezes, as próprias formas e cores das nuvens afixam esse mistério que os mapas não cartografaram. Confio devotamente. Sei que virá ao meu encontro, como a ilha Sabrina de antanho e as que surgiam e desapareciam das cartas de marear na época de S. João. Esta é especial. Sempre que posso, perscruto o futuro em busca dela na realidade que me escapa e, no entanto, está lá. Quando a vir, reivindicarei o direito a denominação patenteada.

Designá-la-ei Autonomia

Enquanto essa mágica ilha não advém, para a povoar, na paz rural e bucólica que me rodeia, os vaqueiros prosseguem no seu afã ancestral, levantam-se trevas cerradas e acamam-se, cansados, no negrume da noite. Rotinas entrecortadas pelas festas, romagens, procissões, sem queixumes pela má sorte que lhes reproduz destinos ingratos. Resignação amargurada, lobrigada nas commissuras de peles rugosas, encarquilhadas e sequiosas, tragando um copo de três ou um abafado. Os campos continuam a ser arados, as vacas mungidas, chova ou faça sol, feriado, dia santo de obrigação ou fim de semana. A terra e as vacas são os atributos mensuráveis da riqueza. Hoje, as ilhas transformaram-se em vacaria ou imensa leitaria. Estes vaqueiros mourejam sem terem ouvido falar da semana-inglesa. Quase todos andam nas vacas. Ou as têm ou trabalham-nas para terceiros (todos os dias, meses, anos). De tantas em tantas horas estão a mungi-las, levá-las de um pasto para o outro, que no inverno a ilha é sempre verde. O quotidiano, fora das pequenas urbes, é similar à escravatura de antanho. Cuidar de vacas doutrem a troco dum soldo miserável, sem direito a férias, doenças, feriados é servidão. A gleba cumpre horários sem calendário (a não ser dias santos e das festas), religiosamente acatados por homens e mulheres (apesar de poucas, também por aí andam algumas nas vacas e supõe-se que interrompam as lides aquando da gravidez, ao contrário dos chineses onde até as crianças nascem nos arrozais em plena colheita). Os rendimentos são inferiores aos ibéricos (a que chamam o Continente) mas há sempre mais subsídios para rações, para produção de mais leite e sabe-se lá que mais que os burocratas de Bruxelas inventaram ou a que os de cá forçaram com a sua insistência inesgotável, e as suas queixas diárias de que vão todos falir...

No século XVIII ninguém pudera prever a data do fim da exportação das laranjas, agora há anos que se sabia do fim das quotas, mas em vez de conversão, aumentou-se a produção anual de leite sem escoamento possível. Claro que os pastos não se podem converter em terras de cultivo enquanto o Diabo esfrega um olho, e os trezentos mil animais não se desvanecem num ápice por mais subsídios ao abate que se inventem, sem que haja do Governo, das autarquias ou das gentes da pecuária (sempre tão lestras a pedirem apoios e subsídios) qualquer ação, individual ou coletiva, que acautele o futuro de pobreza e miséria que poderão advir. Reservo-me sempre o direito de emitir opiniões e ser controverso quando afirmo que nos meios rurais, os açorianos continuam tão escravos, como os antepassados, mesmo sem o saberem. Há quem alegue que a servidão hodierna é mais humanizada e de matizes mais esbatidos (decerto nunca foram escravos, mas isto é o país de brandos costumes). Seguem fados tradicionais sem os questionarem. O fatalismo insular pode ser explicado pela brutal aspereza dos elementos: o fogo e as manifestações telú-

ricas. A energia positiva dos vaqueiros é muitas vezes dirigida para ações co-tejadas com o culto cristão eivado de paganismos, como as romarias. Existem alternativas, fugir, emigrar ou então (e de forma mais simplista) mandar a escravidão às urtigas e viver do rendimento de inserção social.

Nas zonas rurais os filhos, que já não abundam como dantes, vão à escola nos intervalos da labuta nos campos. Se faltam às aulas e não fazem os trabalhos de casa é porque foram às vacas. Se deixam de estudar é para irem para as vacas. Sempre foi assim, o açoriano vive do imediatismo o futuro nunca se pensa nem planeia, e o presente é como a navegação com terra sempre à vista, nada arrisca nem previne. Este açoriano, é bem diferente do antepassado que no século XIX (com menos estudos nem universidade) criou a Sociedade da Agricultura Micaelense, quicá o movimento mais importante da história. O comércio da laranja extinguiu-se vitimado por doença quando a exportação estava em ampla expansão. O que esses antepassados anteviram (e precaveram-se) foi que a riqueza não seria duradoura devido aos avanços da produção e do transporte na Europa e, em especial na Península. Mas desta vez todos avistaram esta geração do séc. XXI de que as vacas iriam acabar como o ciclo do pastel acabou..., mas ninguém os preparou, as vacas são a única ocupação que conhecem e nem concebem outra... Não é opção, mas obrigação. Solidariedade familiar. Queiram ou não, cumprem o destino boieiro e a vontade paterna, herdada de séculos, sem sombra de desfortuna. Vá-se lá a saber. Os medidores de felicidade são pouco fiáveis. Fatalismo ou destino, nunca se interrogam, apenas o cumprem. Esgotados os fundos europeus para a excessiva produção de leite nas ilhas (e no resto do mundo) ficarão sem nada.

Depois do fim da gesta heroica e brutal dos baleeiros, que Dias de Melo retratou, aproxima-se o fim da era do leite que nenhum escritor romantizou. Virão dias de fome e de aflição. Nos EUA há quem aproveite o estrume do gado para energia ecológica... será que estes campos podem produzir biodiesel? Por outro lado, como a terra é fértil, quando se acabarem as vacas leiteiras poderiam diversificar, aproveitar os solos úberes para criarem outros produtos para mercados de nicho e exportar para o mundo. Mas a única coisa que se vê, todos os dias no telejornal é o dono das vacas a pedir mais subsídios (porque choveu, porque está uma seca e não choveu, porque o furacão estragou isto, a tempestade tropical estragou aquilo, apoio ao seguro agrícola, eu sei lá 1001 pedinchices por vezes ameaçadoras). Não fala em dar formação aos associados, nem a converter as vacarias, só lhe interessam subvenções de cá e da UE. Não penaliza os que produzem leite a mais, pede mais subsídios. Os tempos mudaram, cá e na Europa, mas, impérvio, permanece na sua, encravou na gravação. Creio que a única coisa para que não pediu dinheiro foi para compensar o nevoeiro cerrado, como hoje, mas, cuidado que posso estar a dar-lhe ideias.

Os políticos vivem em torres de marfim limitados ao ritmo da reeleição e não têm visão para *idealizar* os Açores em 5, 10, 20 ou 30 anos, sempre na mira da próxima contagem de votos, nada tentam (além de obras de betão com nome na placa de inauguração), nem parece que o fizessem se soubessem. Se optassem pela verdadeira autonomia da emancipação total seria tanto ou mais viável que a do Kosovo, Kiribati ou Nauru. Cristóvão de Aguiar aventou, em tempos, que teriam de ser nove independências. Com a tradição colonial centenária e para evitar muita perturbação, opino que quatro bastavam: S. Miguel e a colónia de Santa Maria; a Terceira e a colónia da Graciosa; o Faial e a colónia do Pico e de S. Jorge e, por fim as Flores e a ilha adjacente Corvo.

Não há autonomia sem meios próprios, assim como não há democracia sem capital. Karl Marx nunca o soube. Só com poder de compra se pode ser livre. Sem posses, os pobres não podem almejar a liberdade, nem os escravos, a alforria. A emigração foi sempre a face visível da emancipação açoriana. Lisboa e o Terreiro do Paço são Miguelistas, governam como se nunca tivéssemos saído da monarquia absolutista. Nem os cães ladram quando a caravana passa. Até os cachorros são indolentes. Mimetizam as pessoas, conformistas e aburguesadas, pobres burgueses e burgueses pobres. O insuportável e fedorento colonialismo paternalista de Lisboa permanecerá a menos que miraculosamente as turbas despertem da letargia acomodada e saiam à rua. Aí sim, pode haver autonomia, ou não. Mas é mais fácil ser dependente de subsídios e atribuir todas as culpas ao Terreiro do Paço. Dado o desdém com que tratam os autóctones (ao ignorá-los), seria de esperar maior unidade e desejo autonómico. Compete aos açorianos decidirem o destino. De emancipação. Não independência. Salvo raras exceções, poucos manifestam tais desejos face ao poder central, cego e cabeçudo, satisfeitos com a submissão das ilhas a Lisboa.

E arrisco ser, de novo, controverso. Há regionalismos autonómicos (como o açoriano) que deviam ser estimulados. O desprezo constante a que votam os ilhéus é quase tão mau como a forçada desertificação humana no interior profundo de Portugal. Para os continentais, em 2005, quando se falava dos Açores era como discursar sobre Timor Português quando fui para lá em 1973. Sabiam que eram ilhas e pouco mais, ou nem isso, falavam na ilha dos Açores. Quase como a anedota insólita da reportagem na TVI “a senhora é dos Açores? mas é branca”. Não avisaram que a paisagem é verde, as pessoas não. Depois com as companhias de aviação, de baixo custo, tudo mudou, passamos a ser os melhores e maiores, na crista da onda, a *funchalizar* e construir hotéis, alojamento local, empresas de exploração turística e a converter São Miguel numa Disneylândia da natureza.

Desde tempos ancestrais, o orgulho em ser-se açoriano é profundo, arreado ao húmus, mas difuso. Confunde-se com bairrismos de ilha, insularismos

de freguesia. É prejudicado pela idiossincrasia micaelense de chamar Açores às outras ilhas. Como se S. Miguel fosse Lisboa perpetuando dependências e vassalagens obsoletas. Fruto da herança ancestral, do obscurantismo de 48 invernos salazarentos e primaveras bafientas da 3ª República entorpecente e anestesiante, alegadamente democrática... A história sempre ilustrou a luta entre a Terceira e S. Miguel pela supremacia dos capitães donatários, titulares da efêmera nobilidade de *capital do arquipélago*. Estes vícios repetem-se ainda hoje em bairrismos e invejas insulares. A autonomia vive-se em círculos muito circunscritos, em escritores e expatriados. Surgirá – cremos – não à mesa do café, mas da escrita, de uma “elite esclarecida” (à falta de melhor adjetivação, mas quando foi a última vez que uma elite fez uma revolução?). Haverá elites pensantes para além das que se emproam em reuniões de intelectuais representando a fina-flor dos que têm direito a nome no jornal? Uns pararam no tempo, outros andam em busca dele, que nunca à frente. A população não os segue nem os entende. Nem mesmo os ditos se entendem. Ufanos por encherem as revistas cor-de-rosa? Todos. Incapazes de congregarem mentes. Temerosos de perderem a caleche em que se pavoneiam na Avenida Marginal ou o Pátio da Alfândega tal como os antepassados de 1890. Nos Açores, compete aos mestres da palavra indoutrinarem e apontarem o caminho da Atlântida perdida a que se chamou autonomia. Só então cortarão os cordões umbilicais, granjeando a liberdade. Com a sageza da sua Açorianidade sonharão o momento de emancipação tal como inventaram a literatura açoriana para que ninguém se esquecesse deles e o mundo não os deixasse para trás na sua voragem. Citarei agora, bem a propósito, Zack Magiezi: “Causa mortis: traumatismo craniano. Fruto de mergulho profundo em pessoas rasas”.³

Literatura Açoriana

Grandes vultos nasceram nos Açores: Gaspar Frutuoso (1522-1591), historiador; o conde de Ávila, marquês e duque de Bolama; Manuel de Arriaga (1840-1917), Antero de Quental (1842 -1891) filósofo e poeta; Teófilo Braga (1843 -1924), escritor e presidente da República; Roberto Ivens (1850-1898) explorador; Tomás Borba (1867-1950), mestre de quase todos os compositores portugueses do século XX; Francisco de Lacerda (1869-1934), musicólogo, compositor e maestro; Canto da Maya (1890-1981), escultor; Domingos Rebelo (1891-1975), pintor; Vitorino Nemésio (1901-1978), escritor e António Dacosta (1914 -1990), pintor, para mencionar apenas alguns.

Interessa lembrar agora que o debate em torno da expressão “literatura açoriana” é antigo – e chegou a contaminar os próprios autores nos anos 80,

³ Magiezi.


quando se reuniam construindo a rede de amizades, afinidades intelectuais e intertextualidades do grupo. Acolho como premissa o conceito de açorianidade formulado por José Martins Garcia que, “por envolver domínios muito mais vastos que o da simples literatura”, admite a existência de uma literatura açoriana “enquanto superestrutura emanada dum habitat, duma vivência e duma mundividência”.⁴ Em *Constantes da insularidade numa definição de literatura açoriana*, J. Almeida Pavão afirma:

sobre a existência de uma Literatura Açoriana [...] assume-se com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Literatura Portuguesa Continental. No polo positivo de um extremo, enquadrar-se-ia a posição de Borges Garcia e no outro extremo situar-se-ia o polo, naturalmente contestatário, formado por Gaspar Simões e Cristóvão Aguiar. Isto, sem falarmos de outros tantos depoimentos, tais sejam os de Pedro da Silveira, Ruy Galvão de Carvalho, Eduíno de Jesus, José Enes, José Martins Garcia, Carlos Faria, Ruy Guilherme de Moraes, João de Melo... Literatura Açoriana sê-lo-ia, na sua vertente política, sem qualquer contradição, se porventura os Açores se tornassem num território ou numa nação independente. E, aí, haveria que inscrevê-la dentro de novas premissas.⁵

Onésimo de Almeida escreveu dois livros e coordenou outro sobre o tema. Nesses anos, falava-se em artesanato, folclore e cultura, mas nada era mais embaraçoso do que falar em literatura açoriana. O problema colocou-se por razões políticas.⁶ Citando J. Almeida Pavão,

de Onésimo de Almeida, diríamos que o seu critério, assente na idiossincrasia do homem das Ilhas, nelas nado e criado, nos levanta uma dificuldade: a de englobarmos no mesmo conteúdo da Literatura Açoriana os autores estranhos que porventura as habitaram, já na idade adulta, como o Almeida Firmino de Narcose ou as visitaram, descortinando as suas peculiaridades pelo impacto de estruturas temperamentais forjadas em ambientes diversos, como é o já citado caso de Raul Brandão de As Ilhas Desconhecidas. Entendemos, pois, que deverão ser abrangidos num rótulo comum de insularidade e açorianidade três extratos diversos de idiossincrasias:

– um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;

⁴ Garcia 1988 .

⁵ Pavão 1988.

⁶ Em 1975, Vitorino Nemésio deixou-se utilizar pela independentista Frente de Libertação dos Açores (FLA), como candidato a Presidente da futura República e, contra a vontade da maioria, os separatistas insistiram em usar a literatura como símbolo da identidade açoriana.

– o dos insularizados ou «ilhanizados», adotando a designação feliz utilizada por Álvaro Oliveira, a propósito do já referido poeta Almeida Firmo;

– e ainda o dos estranhos, como o também já mencionado Raul Brandão.⁷

Mas muito antes do Onésimo, Eduíno Borges Garcia escreveu uma série de artigos sobre literatura açoriana, no semanário *A Ilha*, anos (19)50, e depois reunidos em opúsculo, no qual, e ao contrário de outros teóricos, não utilizava a expressão separada do contexto nacional. Apenas aconselhava os escritores a incluírem a vida concreta do povo e a deixarem-se de hortênsias e banalidades como festas do Santo Cristo, romeiros, etc. Queria que a literatura tendesse para o neorrealismo, refletindo a sociedade real. Ao sair *Raiz Comovida* (Cristóvão de Aguiar), Borges Garcia, que nunca conheceu pessoalmente o autor, telefonou-lhe dizendo: “Até que enfim que leio um escritor micalense que realizou o sonho que expendi no opúsculo ‘Para uma Literatura Açoriana’”.

No 11º Colóquio da Lusofonia, Lagoa 2009, Cristóvão de Aguiar rejeitou o rótulo de literatura açoriana, por considerar que “faz parte da produção literária lusófona. O título (literatura açoriana) é equívoco, porque pode parecer que é uma literatura separada da literatura portuguesa”, afirmou à agência Lusa o escritor, na opinião do qual o conceito foi criado para que alguns escritores locais se pudessem destacar, já que não tinham lugar na literatura portuguesa. “Açorianices, que rimam com tolíces”, diria Cristóvão.

Machado Pires sugeriu literatura de significação açoriana, discursando sobre o fenómeno descontínuo porque não há uma evolução, uma linha histórica progressivamente afirmada havendo

autores açorianos que estando fora dos Açores, deles se ocupam sistematicamente de modo direto e indireto [...]. Por isso, preferimos usar a expressão de literatura de significação açoriana quando queremos acentuar a existência de uma literatura ligada à peculiaridade açoriana por acharmos demasiado genérica, ambígua e incaracterizante a designação de “açoriana”.⁸

Outros preferem o termo matriz açoriana. Há vários tipos de autores, os residentes no seio do arquipélago, os emigrados, os descendentes, e os estrangeiros (como eu) que escrevem sobre os Açores (em português ou não). Falta destrinçar quais se podem incluir nessa designação açórica. Para Eduardo Bettencourt Pinto, um angolano que se tornou escritor açoriano por escolha própria, trata-se, pelo menos, um ramo único no contexto da literatura portuguesa e Pedro da Silveira (Flores 1922-2003) foi perentório: “Já deixei notado



⁷ Pavão 1988.

⁸ Pires 2013, 57-59.

que o separatismo (entendido como corrente que preconizava a independência total dos Açores) não produziu nenhuma doutrina normativa da literatura, isto é, sobre o que deveria ser a literatura açoriana”.⁹

O que custava era aceitar que os escritores açorianos estivessem a desenvolver uma escrita que se diferenciava da de outros autores de Língua portuguesa. É que, nessa escrita, eram visíveis as especificidades que identificavam o açoriano como ser moldado por elementos atmosféricos e sociológicos diferentes, adaptado a vivências e comportamentos que, ao longo dos séculos, foi assimilando, pois, viver numa ilha implica(va) uma outra noção de mundividência. A esta realidade continuam atentos os escritores das ilhas e é inegável a importância do seu contributo para o conhecimento da sociologia da literatura açoriana. A literatura açoriana não precisa de que se aduzam argumentos a favor da sua existência. Precisa de sair do gueto que lhe tem sido a sina.¹⁰

Paulatinamente, os escritores foram encontrando o seu espaço, não havendo minguagem de qualidade nem quantidade, na maior parte dos casos, sem projeção além das ilhas, com exceções contemporâneas. Hoje, é questão aceite e arrumada para a maioria. Eu ainda sou um recém-chegado a estas ilhas, com menos de vinte anos de aprendizagem, mas tive a honra e o privilégio de aprender as idiossincrasias (inicialmente, micaelenses e picoenses) quando traduzi obras açorianas, para inglês, de Daniel de Sá, de Manuel Serpa, Victor Rui Dores e outros. Como magistralmente disse a escritora canadiana Ann-Marie MacDonald “[a] tradução, tal como a escrita, é uma arte e uma maestria, com um toque de alquimia. Quando o autor e o tradutor se reúnem, o resultado pode ser inspirador. As nuances traduzem a língua numa forma de arte”.¹¹ A tradução do livro de Manuel Serpa *Da pedra se fez vinho* foi um exercício inesquecível em que, apesar da ajuda de vários picarotos houve ocasiões em que as explicações à guisa de glossário se sobrepunham, aumentando as profusas notas de tradutor. Para um leitor doutras paragens, o texto seria incompreensível, era imperiosa uma intertradução, do falar picoense para o falar continental, antes de ser vertido num inglês pouco shakespeariano. Deparei-me com noções etimologicamente novas contrastando com o uso ancestral que a língua continental lhes apõe nos dicionários. Tratou-se, nalguns casos, de desvendar as ilhas como mito paradisíaco recuando até à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se abriram ao peso do presente

⁹ Silveira 1977, 11.

¹⁰ Silveira 1979, 35-46.

¹¹ “Translation, like writing, is both art and craft, with a touch of alchemy. When translator and author actually get to meet, the result can be inspired. Nuance is what translates language into art”.

e não podem ser apenas perpetuadas nas suas memórias. Muitas vezes um livro dum autor sofre drasticamente quando, em vez de ser considerada como obra, é erigida ao estatuto regionalista, que não pretendeu. Podem deduzir-se da leitura destes autores, algumas características relevantes para a Açorianidade:

1. O modo como o clima inculca um caráter de torpor e vagar onde a pressa é amiga da morte;

2. O modo como a História define os habitantes ainda quase tão apartados da metrópole como há séculos atrás;

3. A forma como se recortam os estratos sociais: vincadamente feudais apesar do humanismo que a Revolução dos Cravos alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;

4. O modo como a proximidade da terra se manifesta de forma sobrejacentes fora das pequenas metrópoles que comandam cada ilha, num centralismo autofágico e macrocéfalo.¹²

Neste universo tão idílico não busquei – ao traduzir as obras – a essência do ser açoriano, que de certeza existe, em miríade de variações insulares, cada uma vincadamente segregada da outra, se o homem se adaptou às ilhas ou se estas se continuam a impor condicionando a presença humana, para assim evidenciar a sua diferença específica, neste caso a Açorianidade. Estando esta presente num escritor, explicá-lo é tarefa para estudos mais complexos do que a mera atividade de um tradutor, por mais empenhado ou apaixonado que possa estar pelo objeto da sua tradução. Pedro da Silveira captou “as mundividências açorianas”, abrangendo na sua poesia “as inquietações e os sonhos de gente viva de todas as partilhas e um verdadeiro compromisso social”,¹³ eu apenas tive a oportunidade de captar uma fotografia da alma dos escritores que traduzi.

Na década de 1990, lentamente, os escritores açorianos foram encontrando o seu espaço, não havendo minguagem de quantidade. Na maioria, sem projeção para além das ilhas, com exceções contemporâneas. Falta destrinçar, entre centenas, os que realmente merecem ser incluídos em coletâneas e os que se serviram do rótulo da Açorianidade para terem visibilidade que, de outro modo, não teriam. A solução foi ignorar quem era quem, e sermos nós e os autores dos nossos projetos, a avaliar, com a ajuda dos que conhecíamos e em quem confiávamos. Daí as escolhas das antologias que serão alargadas à medida que os formos descobrindo, sob o enorme guarda-chuva da Açorianidade que a todos alberga. Nem sempre é fácil, pois ao lado de autores como Fer-

¹² Chrystello 2011, 31.

¹³ Silveira 1977, 21.

nando Aires e Eduíno de Jesus surgem os que podemos designar como a Maria das Capelas, o António da Lomba e o José de Rabo de Peixe. Importantes poderão ser de um ponto de vista de cultura popular, regional ou local, mas nunca sob um rótulo de literatura.

Em 2010 criamos projetos (Edição de Antologias, Cadernos Açorianos, Curso de Açorianidade, Tradução de excertos açorianos) para dar voz aos escritores destas ilhas mágicas a que chamo minhas, abaná-los das consciências súbditas e resignadas, acenar-lhes com o mundo que, intimamente, queria conhecê-los e lê-los, sem saber que existiam, contentados com a audiência limitada das ilhas. Era mais uma ideia destinada a granjear inimigos e invejas, quem sabe se não me iriam votar definitivamente ao ostracismo. Ninguém me contratara e todos haviam sobrevivido até então, sem as minhas boas intenções megalomaniacas. Já eram conhecidos nos círculos insulares restritos e gozavam de boa reputação no seio dos expatriados. Que mais era preciso? 300-500 livros era (em 2005) uma excelente tiragem (best-seller) para a maioria das edições desses autores que o mundo infelizmente desconhecia e eu me ia empenhar a revelar. Era urgente e imperioso. Tinham de ser ouvidos, lidos e estudados antes de tragados por um cataclismo como o que afundara a Atlântida.

Depois, em março 2009 publiquei o volume 1º da *Crónica Açores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores* cronicando as minhas viagens em volta do mundo e a descoberta da Açorianidade, e, em 2011 surgiu um segundo volume, que motivou a inquietante questão: “Como se pode optar por ficar nestas ilhas e descurar os mundos que existem para lá deste arquipélago?” Fiquei *ilhanizado* como Almeida Firmino em *A Narcose*, como se os outros mundos não tivessem importância a não ser para divulgar o segredo da existência de uma importante literatura de cariz açoriano. Mas nada do que escrevi tinha paralelo na, enormemente rica e diversa, literatura açoriana que lentamente ia conhecendo com cada livro que traduzia. Toda a minha vida foi uma circum-navegação. Se nos anos 70 designei para pátria a Austrália nunca deixei de conjugar a de Fernando Pessoa, a língua portuguesa. Depois, tive como mátria Bragança, mas aos açorianos o devo pois foram eles que me ensinaram o amor às raízes. Sinto como todos transportam esse sentimento de pertença aqui e no estrangeiro. Ao vê-los tão amantes das suas terras tive de exhibir as minhas origens.

Não se é ilhéu por se nascer numa ilha e não é ilhéu quem quer. É essencial partir à descoberta de cada ilha. Desci à Praia da Viola na Lomba da Maia, onde vivo, subi aos sempiternos verdes montes micaelenses, vi as vacas alpinistas e desfrutei do mar, ora chão, ora alteroso, para entender o que nos leva a escrever e é fonte de mil açorianidades. Depois, viajei às nove filhas de Zeus para

entender os maroços do Pico ao sabor do seu Verdelho, a brancura da Graciosa nos seus moinhos, apreciar os carabelhos com que no Corvo se fechavam as portas, extasiar com mil cascatas nas Flores, descortinar vestígios ancestrais desde o Neolítico na Terceira de Dona Brianda (bastião contra castelhanos por três anos), descer às fajãs de São Jorge, nadar frente ao ilhéu do Topo, calcorrear o Barreiro da Faneca antes de mergulhar na baía de São Lourenço, pisar as areias esbranquiçadas de Porto Pim e admirar a rica história da sua marina e dos cabos submarinos.

Quando cheguei desconhecia quase tudo sobre as ilhas, e descobri no Dicionário do Morais os termos *chamados* açorianos. Tudo começou no dia em que traduzi tais autores e descobri neles a vida e a imortalidade que julgava inexequíveis. São os tais infinitos mutantes que surgem nos quotidianos. Uma pessoa ou se conforma com a mediocridade da democracia ou luta contra tudo e passa a ser visto como diferente, maluco. São indivíduos assim, uns mais loucos, outros mais poetas, que se tornam perigosos para as sociedades acomodadas pois assumem uma postura vocal crítica no meio de vozes insatisfeitas, mas incapazes de se organizarem e rebelarem contra o sistema. Um escritor raramente se alcançava à fama dos efêmeros jogadores de futebol que tentam arrebatar as multidões, como velhos deuses gregos descidos do Olimpo, o escritor é a antítese deles, em sobriedade, honestidade, integridade e humildade. Não se julgam salvadores do mundo, nem tampouco enviados por uma qualquer divindade para gravarem palavras no magma sagrado e perpetuar uma civilização de lava. Nesse espaço, traçavam no alvo papel os hieróglifos, num fluir ritmado das palavras ao som das ondas e mares, entremeadas pelo cíclico abalar dos solos numa lembrança de Hefesto, Deus do fogo, dos metais e da metalurgia, filho de Zeus e Hera. Ou seria recordando Hades, irmão de Zeus e Poseidon? Enquanto o primeiro detém os Céus e o segundo os Mares, Hades é senhor do mundo subterrâneo, o Inferno local, genérico para a moradia dos mortos.

Foi preciso pressagiar com Dias de Melo as agruras e fome dos baleeiros, reler paulatinamente o *Mau Tempo no Canal* de Nemésio, parar num qualquer aeroporto e encontrar o *Passageiro em Trânsito* do Cristóvão de Aguiar, apagar as chamas da poesia do *Fogo Oculto* de Vasco Pereira da Costa, *Viajar com as Sombras* ou com o *Tango nos Pátios do Sul* de Eduardo Bettencourt Pinto, visitar a Ilha-Mãe e as pedras arruinadas do *Pastor das Casas Mortas* de Daniel de Sá e milhentas outras obras de autores açorianos, açorianizados, expatriados e descendentes¹⁴ cuja enumeração seria fastidiosa, mas relevante para

¹⁴Adelaide Baptista, Álamo Oliveira, Alexandre Borges, Ângela Almeida, Aníbal Pires, Aníbal Raposo, Anthony de Sá, António Bulcão, Armando Côrtes-Rodrigues,

provar a vitalidade e a universalidade desta escrita dos autores açorianos que flui como lava incandescente, como o magma descendo a 25 de junho de 1563, da Serra de Água de Pau para destruir Vila Franca do Campo, todas as casas, igrejas e ermidas. Três dias depois houve a erupção do Pico das Berlengas e surgiu a enorme cratera da Lagoa do Fogo, inundações torrenciais arrastaram para o mar tudo o que havia ficado de pé na Ribeira Grande, incluindo os moinhos. Imagens catastróficas que sempre me conduziram à escrita de Cristóvão de Aguiar, há pouco compiladas em dois volumes. Dito isto, registo uma declaração de interesse: “Sou amigo incondicional do Cristóvão, meu mentor na casa do Pico onde me recebeu e à minha mulher, como se de amigos de longa data se tratasse, nós que éramos de amizade recente surgida em 2009”.

Fica-se refém da sua escrita, que não sendo fácil, enleia e se insinua na tentativa de forçar o leitor a buscar a compreensão do que lhe está subjacente. Durante tempos cavaqueei longamente com ele, éramos exaltados contra a iniquidade, essa quimera ensinada em verdes anos. Aprendi a canga que os cachaços insulares carregavam, muitas vezes, sem o saberem. Embrenhei-me noutros escritores que fui desbravando. Falei e escutei a maior parte deles e já

Avelina da Silveira, Caetano Valadão Serpa, Carlos Faria, Carlos Tomé, Carlos Walenstein, Carolina Cordeiro, Carolina Matos, Célia C. Cordeiro, Chrys Chrystello, Cisaltina Martins, Conceição Andrade, Conceição Maciel, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Daniel Gonçalves, David J. Silva, Deolinda Adão, Dias de Melo, Diniz Borges, Eduardo Bettencourt Pinto, Eduardo Jorge Brum, Eduíno de Jesus, Elmano Costa, Emanuel Félix, Emanuel Jorge Botelho, Emanuel Melo, Fernando Aires, Frank X. Gaspar, Gabriela Silva, Graça Castanho, Helena Chrystello, Isabel Condessa, Ivo Machado, Ivone Chinita, J. H. Santos Barros, Joana Félix, João de Matos Bettencourt, João Luís Medeiros, João de Melo, João Paulo Constância, João Pedro Porto, José Andrade, José Carlos Teixeira, José de Mello, José Martins Garcia, Judite Jorge, Katharine Baker, Katherine Vaz, Laura Areias, Lélia Nunes, Lucília Roxo, Luís Filipe Borges, Machado Pires, Madalena Férin, Madalena San-Bento, Manoel Tomaz, Manuela Marujo, Marcolino Candeias, Maria Dores Beirão, Maria João Dodman, Maria João Ruivo, Maria Luísa Ribeiro, Maria Luísa Soares, Mário Cabral, Mário Machado Fraião, Mário Moura, Miguel Real, Natália Correia, Natália de Almeida, Norberto Ávila, Nuno Costa Santos, Onésimo Teotónio de Almeida, Pedro da Silveira, Pedro Almeida Maia, Pedro Paulo Câmara, Renata Correia Botelho, Roberto de Mesquita, Rui Machado, Sérgio Rezendes, Sidónio Bettencourt, Sónia Bettencourt, Susana Teles Margarido, Teresa Tomé, Tiago Prenda Rodrigues, Tomaz Borba Vieira, Urbano Bettencourt, Vamberto de Freitas, Vasco Pereira da Costa, Vilca M Merízio, Vítor Rui Dores, Vitorino Nemésio, e no passado Gaspar Frutuoso (século XVI), Antero de Quental (séc. XIX), etc.

nos deixaram, entretanto, alguns.¹⁵ Depois, tropecei num fenómeno típico de sociedades insulares e bairristas, a existência de *capelinhas*, cliques e clagues, em torno das quais gravitavam uns eleitos. Nem todos de qualidade despicienda, mas dependendo dessas cliques para artigos de jornal ou recensão crítica.

Para um escritor arquipelágico há sempre o dilema da pequenez das ilhas, um autor só se afirma se reconhecido fora delas, daí a atração pelo mais vasto mercado continental como forma de asserção e alforria literária criando um misto de desligamento e aportuguesamento dos autores que se mudaram de armas e bagagens para fora, a que se contrapõe a inveja e ciúme dos que não conseguiram atingir esse patamar de reconhecimento continental, ou a emancipação de outros que venceram nos EUA e Canadá e a tarefa ingente dos que permanecendo porfiam para se alcandorar a um reconhecimento externo. O que não acreditavam era que por serem açorianos podiam aspirar a ser universais, em mercados mais vastos do mundo, não apenas insulares ou portugueses. Podiam chegar mais longe e libertar-se da prisão invisível da pequenez das ilhas. Para isso, havia que mondar mercados novos e virgens, dessa selva amazónica antes dos bandeirantes. Se não chegassem às novas gerações, poderiam alcançar descendentes, e expatriados que descobrem hoje o orgulho da nação açoriana, na cultura, tradição e valores primordiais que tão arredados das escolas andam. Como afirmou Jürgen Habermas, “[n]ão pode haver intelectuais se não há leitores!”¹⁶

A terra é um mero escolho, como grão de poeira no deserto, no meio deste Mar Oceano, a colorir o mar em tons de verde que é a cor desta ilha. A terra é finita e bem mais nova que o mar, saídas das entranhas do fogo, em eflúvios de magma, a mágica lava que encanta e seduz quem a vê à distância segura de um qualquer abrigo. O mar, condescendente, acedeu a envolver a ilha num manto de espuma, fez dela o seu brinquedo, entretendo-se a burilar as abruptas escarpas, nalgumas baías acedendo mesmo a depositar uns grãos de areia fina e tismada sem jamais deixar de lavar, pôr e tirar a seu bel-prazer, sem nunca as deixar brancas. Para preservar o divertimento evitou dotar a ilha de angras ou portos naturais de fácil acesso a forasteiros e corsários, evitando que a viessem perturbar com seus botes piratas. A ilha quer-se sozinha, sem invasores, e assim ao longo dos tempos repeliram as investidas de mouros e berberes, corsá-

¹⁵ Adelaide Baptista, Armando Côrtes-Rodrigues, Carlos Wallenstein, Daniel de Sá, Dias de Melo, Emanuel Félix, Fernando Aires, Ivone Chinita, J. H. Santos Barros, José Martins Garcia, Madalena Férin, Marcolino Candeias, Maria de Fátima Borges, Mário Machado Fraião, Natália Correia, Natália de Almeida, Pedro da Silveira, Roberto de Mesquita, Vitorino Nemésio.

¹⁶ Hermoso, 2018.

rios ingleses, franceses e outros, repetidamente remetidos à proveniência sem mais danos do que raziarem as terras, tomarem cativos para venderem como escravos e usando as mulheres para outros fins soezes como era hábito. Os que ficaram, tementes a deus, tornaram a cultivar, arando os solos que a fúria dos fogos e tremores das entranhas ia vomitando, tentando aplacar a fúria e o castigo divino com preces, procissões e romarias. Na ilha de São Miguel, de costas voltadas ao mar, como a maioria das suas igrejas, todos passam o ano a olhar para o próprio umbigo, seja de vacas leiteiras que poluem montes, lagoas e ribeiras, ou de campos de milho, batatas, beterraba, inhame ou outros frutos da terra que as generosas chuvas insistem em regar de forma copiosa, em mais do que uma colheita ao ano. Enquanto nas ilhas do Triângulo, vivem do mar e para o mar, aqui, de costas para ele, ignoram-no, descurando ser o único pasaporte de saída para a alforria do feudalismo que imperava e as agrilhoava.

Na pequena baía dos Moinhos de Porto Formoso sem cachalotes, golfinhos ou tubarões, as ondas cumprem o seu ritual lunar, e eu, quedo, a vê-las e ouvi-las enfeitiçado pelo ritmo, a cadência incerta que as alonga para onde só o pensamento conta e a vontade dos homens não domina. Hoje, não me sinto naufrago nem perdido, mero marinheiro de águas profundas embalado pelos ténues ventos que me levam à deriva. Ah! Como gostava de perpetuar momentos destes e torná-los permanentes, libertar-me da escravatura consumista que nos impõem. Neste paraíso que o inverno transmuta, agreste, as palavras fluem como turbilhões e desaguam na alva folha. A mente liberta-se das peias do quotidiano e navega ao sabor do mar, como se viver fosse útil ou até necessário. Por vezes, é preciso sair das ameias do meu *castelo* e sentir-me liberto neste cárcere sem grades que as ilhas tendem a ser. Podemos ser livres dentro da prisão sem precisar de voar como os pássaros, nem nadar como os peixes, basta uma dose de mar e sol, e deixar a mente vaguear, vogando no salgado das ondas... Esta ilha é linda, mas digo-vos do outro lado dela só há mar...

Ouço as ondas aqui
onde o mar é rei
e senhor de todas as horas.
fui ao lado outro da ilha
lá onde nunca ninguém vai
e vi que era verdade
só há mar, nada mais
por todos os lados menos por um¹⁷

¹⁷ Chrystello, forthcoming.

Criação dos Cadernos de Estudos Açorianos

Servi-me dos colóquios da lusofonia para levar os autores açorianos a mercados e leitores insuspeitos, incluindo a antiga Cortina de Ferro onde há gosto e apetência por escritores lusófonos. Criamos os Cadernos de Estudos Açorianos, um curso de Açorianidades¹⁸ e uma série de Antologias, (uma bilingue para o mercado norte-americano e canadiano, outra maior monolíngue, em dois volumes, uma coletânea de textos dramáticos para o ensino secundário e uma antologia no feminino.¹⁹ Projetos didáticos para disseminar a leitores neófitos a escrita açoriana, de autores persistentes como tenazes foram os homens da Ribeira Grande no século XVI, durante quatro décadas quando labutaram na sua reconstrução. Não se deixavam vencer nem pela doença nem pela natureza. Sofrendo as inclemências do tempo, reconstruíram tudo, limpando as terras, recompondo os moinhos, refizeram as casas, repararam os templos, erguendo a ermida de N. Sra. de Guadalupe, depois incluída na Igreja de S. Francisco onde forma a capela do Senhor Santo Cristo da Coluna.

Embora os autores açorianos tenham os livros lidos por umas poucas, centenas de pessoas no arquipélago e na diáspora, continuavam, ano após ano, a arar as palavras como se fossem terreno pedregoso sem húmus, mais duro que o basalto e mais inóspito que o Pico. Estavam assim esses autores tão olvidados como a população que esquecera já as erupções mais célebres do arquipélago. São todas diferentes as personalidades açorianas que escrevem livros e apresentam a fachada manuelina, bem compostinha embora, nalguns casos, se notem as fissuras da idade nos rostos martelados na pedra. Aprenderam com os estrangeiros a comportarem-se para ocultarem a terrível herança feudal que os condiciona ainda e quando o verniz estala tudo vem à tona. É uma canga pesada para que se libertem em apenas três décadas de democracia. Ocupam as cores do arco-íris nos quadrantes políticos e dizem-se todos amigos, uns dos outros, num círculo de inveja e maldizer.

Mas há autores que convirá não esquecer. Dias de Melo foi professor, operário, agricultor, pescador, músico, escultor que trabalhou, ceifou, pescou e esculpiu cada palavra, como se fosse um baleeiro do Pico, na referência constante de Mestre José Faidoca, nas histórias que presenciou como homem do mar, mestre de lancha. Escreveu como se da janela da casa, no Alto da Rocha na Calheta de Nesquim, vigiasse os botes e as lanchas da Calheta, baleando contra os Vilas e os Ribeiras. Andei na descoberta da sinceridade da sua obra,

¹⁸ O curso acabou por ser criado e ensinado na Universidade do Minho, mas a Universidade dos Açores nunca mostrou interesse em adotá-lo em ensino à distância.

¹⁹ As autoras são sistematicamente esquecidas numa comunidade conservadora e machista como é a açoriana.

numa paixão literária, dessa escrita que flui e se embrenha como o nevoeiro em que os baleeiros se debatiam na luta inglória e injusta contra os patrões para sobreviverem se não se finassem na arpoação. Sempre o resumi a uma INJUSTIÇA. É da sua denúncia que trata ao abordar temas como a emigração, a vida no Pico natal, as realidades sociais e económicas, a repressão no Estado Novo, e para além dos dramas humanos na linguagem simples dos homens do povo, lá vem a injustiça. Cumpre-nos não deixar que a sua memória se esvaieça e porfiar para que os seus livros sejam lidos por todas as novas gerações.

Concebo ainda os livros do Daniel de Sá, a fugir todas as noites até Santa Maria. Será que saem silenciosamente da casa na Maia (S. Miguel), paredes meias com o Solar de Lalém e vão primeiro à Travessa dos Foros onde viveram décadas para matarem saudades antes de se aventurarem por mares alterosos e regressarem à Ilha-Mãe, em busca das pedras de antigas casas mitológicas que preencheram os sonhos do autor e serviram de motivo para o “Pastor das Casas Mortas”. Estou a imaginá-los em fila açoriana, em busca do Santo Graal que tais pedras encerram. Felizmente, os tempos são outros, pois no tempo do pai do Daniel era preciso uma espécie de *passaporte* para se ir de ilha a ilha. No verão deve ser mais fácil aos livros aventurarem-se, que os invernos trazem ventos e marés de virar barcos pesados e alguns desaparecem sem rasto. Talvez os livros só passeiem entre a Maia micaelense e Santana mariense no estio, e tenhamos de ficar à espera para saber que novas histórias podem contar ao regressarem calma e silenciosamente às bibliotecas, já que não foram escritos para apanhar pó nem para embelezarem uma qualquer estante.

E em S. Miguel Arcanjo (no Pico), que Cristóvão de Aguiar adotou, fantasiiei que os livros debandavam a sete pés na sua ausência, abalavam em correia desenfreada e não era rumo às Poças onde ele tomava o seu banho matinal. Porque fugiam? De quem alvoravam? Disseram que ele era o inferno na terra, seria por isso que se escapuliam? Quis aproximar-me, mas não pude, estou náufrago dessa amizade perene, quando ele se encontra enclausurado nas quatro paredes opacas da sua memória enciclopédica ora perdida. De repente apercebi-me de que os livros em fuga não eram os dele, mas de outros autores numa roda-viva, em acesa discussão sobre a Açorianidade que ele sempre denegava. Afinal, as tertúlias que tive em casa dele no ano de 2009 haviam passado para os livros que decoravam – como se de mobília se tratasse – a sua falsa no Pico.

No regresso, parei no café Refúgio, em pleno centro de São Miguel Arcanjo e, andados uns quantos passos rumo à casa do escritor deparei com uma velha camioneta de passageiros estacionada aguardando o começo da semana. Acorreu-me a ideia peregrina de como seria a aventura de “pedir emprestada” a carripiana, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gra-

var as histórias que os passageiros fossem contando. A viagem não teria destino. Duraria tanto quanto as histórias dos passageiros. Não seriam cobrados bilhetes. Pararia em todos os lugarejos habitados para que fossem contadas as histórias e lendas do local onde paravam. Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de memórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos. Certamente com a criatividade da Engenharia, Etnografia, Arquitetura e Historiografia tais ideias podem transformar qualquer uma na verdadeira Ilha da Fantasia, enriquecendo os atrativos para habitantes e visitantes, gerando mais e bons empregos, mais comércio, mais impostos, e será essa a verdadeira voz das ilhas.

Bibliografia

- Chrystello, J. Chrys. 2011. *Crónica Açores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores*. Vila Nova de Gaia, Calendário de Letras.
- . forthcoming. “Do outro lado da ilha (inédito)”. Em *Crónica do Quotidiano Inútil*. Vol. 6. Vila Nova de Gaia, Calendário de Letras.
- Garcia, José Martins. 1988. *Para uma literatura açoriana*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores.
- Hermoso, Borja. 2018. “Jürgen Habermas: ‘Não pode haver intelectuais se não há leitores’”. *El País semanal*. 8 maio.
https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/25/eps/1524679056_056165.html
- MacDonald, Ann-Marie. 2003. *The Way the Crow Flies*. Toronto, Vintage Canada.
- Magiezi, Zack. https://www.pensador.com/autor/zack_magiezi
- Jacobs, Edgar P. 1983. *O Enigma da Atlântida*. Lisboa, Meribérica/Liber.
- Pavão, J. Almeida. 1988. “Constantes de Insularidade numa definição de Literatura Açorina”. Em *Conhecimento dos Açores através da Literatura. Semana de Estudos dos Açores*. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura. 133-52.
- Pires, A. M. Machado. 2013. *Páginas sobre Açorianidade*. Ponta Delgada, Letras Lavadas.
- Prado, Décio de Almeida. 1979. *O Teatro Brasileiro Moderno*. São Paulo, Perspetiva.
- Serpa, Caetano Valadão. 1978. *A Gente dos Açores*. Lisboa, Prelo Editora.
- Silveira, Pedro da. 1977. *Antologia de Poesia Açoriana do século XVIII a 1975*. Lisboa, Sá da Costa.
- . 1979. “Açores”. Em *Grande dicionário de literatura portuguesa e de teoria literária*. João José Cochofel, dir. Lisboa, Iniciativas Editoriais. 35-46.